



A CASA DO MAGO DAS LETRAS

LIVROS ELETRÔNICOS

www.lpbaçan.net
www.portalcen.org
www.viladasartes.org
www.avllb.org
www.perolaparana.net

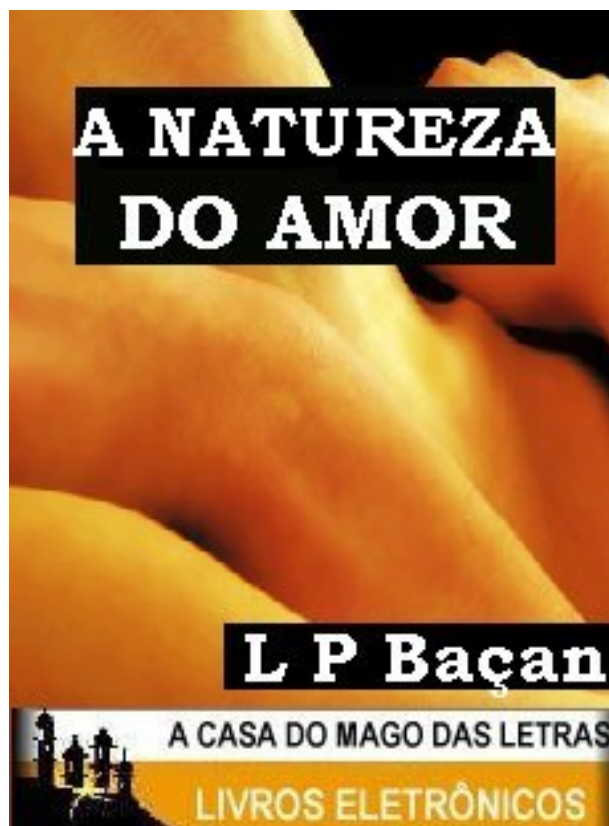
L P Baçan

Direitos exclusivos para língua portuguesa:

Copyright © 2007 L P Baçan

Pérola — PR — Brasil

Edição do Autor. Autorizadas a reprodução e distribuição gratuita desde que sejam preservadas as características originais da obra.



RESUMO

Naquele dia, o Dr. Sílvio tinha o ar cansado. Os cabelos louros caíam em desalinho sobre a testa e seus olhos azuis estavam um pouco avermelhados. O cansaço dominava-o por completo após mais um dia estafante de trabalho no Hospital das Clínicas. Era recém-formado em Medicina e cumpria agora um estágio, na ala de ginecologia, especialidade a que pretendia se dedicar. Olhando para trás, recuando um pouco no tempo, era impossível acreditar que aquele garoto que vendia salgadinhos na praia de Guaratuba poderia ter chegado ao que era. E não fora com pouco esforço que o conseguira. Agora, depois de todo o percurso, sentiu que precisava de umas férias. Para isso, nada como uma cidadezinha do interior, onde morava seu amigo. Apesar de um pouco provinciana e da mentalidade bairrista de alguns, era uma cidade agradável de se viver. Muito hospitaleira, tinha um cinema, uma igreja com sua tradicional praça e um clube social. Enfim, uma cidadezinha como tantas outras. Esperava sossego ali.

Quando os olhos verdes de Cleide encontraram-se com os azuis de Sílvio, ele sentiu um friozinho gostoso e estranho percorrer o estômago e depois subir à cabeça, provocando uma vertigem deliciosa. Quando as duas mãos estendidas tocaram-se e o calor de uma misturou-se ao calor da outra, Sílvio percebeu que jamais seria o mesmo de novo.

CAPÍTULO 1

Sílvio terminou de examinar a ficha da paciente, dirigiu-lhe algumas palavras de conforto e saiu. Seu semblante espelhava um profundo exaustão. Os cabelos louros caíam em desalinho sobre a testa e seus olhos azuis estavam ligeiramente avermelhados, denunciando as noites mal dormidas. O cansaço dominava-o por completo após mais um plantão estafante no Hospital das Clínicas de Curitiba. Era recém-formado em Medicina e cumpria agora um estágio na ala de Ginecologia, especialidade a que pretendia se dedicar. Olhando seu passado, recuando um pouco no tempo, era impossível acreditar que aquele garoto que vendia salgadinhos na praia de Guaratuba poderia ter chegado ao que era. E não fora com pouco esforço que o conseguira.

Passava pela enfermaria de plantão, quando alguém o chamou. O jovem médico parou e olhou na direção da bonita enfermeira que o chamava.

— Pois não, Cláudia, o que foi?

— O Dr. Paulo pediu para você passar pela sala dele antes de encerrar seu plantão. Disse que precisava mesmo falar com você.

— Dr. Paulo?! — perguntou o rapaz, um tanto espantado. — O que o diretor deseja comigo?

— É isso mesmo, o Dr. Paulo. Passou por aqui há pouco e pediu-me para lhe dar o recado, assim que o encontrasse.

— Sabe do que se trata?

— Ele não me disse nada. Apenas que desejava vê-lo.

— Está bem, Cláudia. Obrigado! Fique de olho na paciente no quarto 205. Passou por uma cauterização e merece cuidados.

— Pode ficar tranqüilo, doutor. Vou ficar atenta.

Enquanto a enfermeira ficou apoiada no batente da porta, olhando-o caminhar pelo corredor, Sílvio se dirigiu ao elevador e subiu alguns andares. Pouco depois estava na porta da sala do diretor do hospital, um tanto apreensivo. Respirou fundo, antes de entrar.

— Boa tarde, Dr. Paulo! A enfermeira Cláudia me disse que o senhor desejava falar comigo.

— Sim, isso mesmo. Sente-se por favor e não fique tão preocupado. Não se trata de nada acerca de seu trabalho. Você está se saindo muito bem. Há, inclusive, um interesse muito grande de minha parte em conservá-lo aqui como meu auxiliar, tão logo você termine seu estágio. Mas isto é um assunto que discutiremos mais tarde. Nosso assunto agora é outro. Diz respeito a sua saúde. Você fez seu exame de saúde periódico?

— Sim, fiz. Só que ainda não apanhei os resultados.

— É sobre seu resultado que vamos falar.

— Há alguma coisa acontecendo comigo, doutor? — perguntou o jovem, com certa angústia na voz.

— Não, não se preocupe. Não é nada sério.

— De que se trata, então?

— Sílvio, sei de todos os esforços que fez para estudar e o admiro muito por isso. Sei que cursava a Universidade durante o dia e a noite se desdobrava em diversos empregos para conseguir se manter e aos seus estudos. Há quanto tempo faz isso?

— Bem... Creio que há uns dez anos, doutor. Desde que iniciei meus estudos aqui em Curitiba, cursinho e tudo mais...

— E agora, como médico que já é, responda-me sinceramente. Um homem pode agüentar esse tipo de vida, todas essas pressões, por quanto tempo antes de chegar a um colapso físico e nervoso?

— Mas eu estou ótimo, sinto-me muito bem...

— Ora, Sílvio! Olhe-se no espelho, meu filho.

O tom de voz do velho médico era paternal, amigo, cheio de ternura e compreensão.

— Mas não há nada de errado comigo, doutor.

— Aparentemente você se sente bem. Mas olhe para o seu rosto: seus olhos avermelhados, olheiras, palidez. Há cansaço visível em todo seu corpo. E isso não é tudo. Tenho aqui em mãos o relatório do seu exame médico. Você está realmente à beira de um colapso nervoso.

— E o que posso fazer, doutor? Tenho que concluir esse estágio, custe o que custar...

— Não, não pode nem deve ser assim. Você vai terminar esse estágio. Vou fazer-lhe uma concessão, pois sei de sua capacidade e de seu interesse pela profissão. Creia-me, é o melhor para você no momento. Tire umas férias, descanse por algum tempo.

— Não é possível, eu preciso continuar...

— Não se preocupe. Você vai continuar. Se houver algum problema financeiro, não se preocupe. Dou-lhe um mês de férias remuneradas. Você receberá seu salário adiantado e o adicional de lei para poder descansar mesmo.

— Doutor, o senhor sabe que isto é impraticável. Apesar de remunerado, meu estágio não dá direito a férias. Nunca foi feito...

— Então esta será a primeira vez. Nem que eu tenha que lhe pagar do meu bolso. Não estou disposto a perder um bom médico.

— Sinto muito, mas não posso aceitar isso.

— E por que não? Se é orgulhoso o bastante para recusar minha ajuda desinteressada, passe a considerar isso como um empréstimo a ser cobrado com juros e correção.

— Está bem. Desculpe-me, Dr. Paulo! Eu não estou acostumado a contar com esse tipo de ajuda — desabafou o rapaz, sensibilizado com a atitude de seu superior.

— Não precisa dizer mais nada. Vá, tire uns vinte dias de férias. Descanse bem, depois volte para terminar seu estágio. Não se preocupe com nada, repouse bastante. Daqui a três semanas quero-o de volta novo em folha, pronto para continuar seu brilhante trabalho. E pode passar pela tesouraria. Vou ligar para lá agora mesmo.

— Não sei como agradecer-lhe, doutor.

— Não se preocupe com isso. Eu saberei cobrar, quando chegar a hora. Agora vá e se recupere. É uma ordem, Dr. Sílvio.

— Pois não, doutor! — disse o jovem levantando-se.

Caminhou até a porta e depois de refletir por alguns instantes, com a mão na maçaneta da porta, virou-se e encarou o rosto cheio de bondade do velho médico.

— Obrigado, Dr. Paulo! O senhor está sendo pra mim o pai que eu nunca tive — disse, com a voz embargada.

O diretor viu-o sair, emocionado. Duas lágrimas teimaram em brotar de seus olhos e ele as limpou rapidamente com a manga do jaleco, comentando de si para si:

— Ora, seu velho tolo e sentimental!

* * *

Após ter se dirigido ao vestiário para trocar de roupas, Sílvio caminhava absorto pelos corredores do grande hospital. Antes de mais nada, resolveu passar pela tesouraria e receber o que lhe fora prometido, agradecendo mentalmente à bondade do superior. Seu problema agora era descobrir onde passar suas férias. Voltar a Guaratuba, não conseguiria. Infalivelmente seus passos o levariam a caminhar por aquelas ruas cheias de recordações de sua infância e de seus pais. A mãe morrera quando ele tinha seis anos. O pai, velho pescador, homem forte e curtido de sol e sal, acostumado a brigar contra o mar, também se fora muito cedo. Estava escrito que aquele que desafiava o oceano diariamente, vencendo-o sempre, um dia poderia perder a luta. E perder uma batalha no mar era perder a própria guerra, pois não havia uma segunda chance.

E agora, como ele, o pequeno vendedor de pipoca poderia passear pela praia e olhar o mar sem que lhe viesse à mente a imagem do Sereia, barco de seu pai, voltando vazio à praia,

sem seu pescador? Não, não poderia voltar a Guaratuba nem a qualquer outra praia. Precisava de outros ares, outro lugar para gozar suas férias.

Absorto que estava, não pode evitar um encontrão com um outro médico que saiu eufórico de umas das salas. Com o esbarrão, quase que ambos caíram.

— Opa, desculpe-me — balbuciou Sílvio.

— Não foi nada. Ah, é você Sílvio? Desculpe-me. A culpa foi minha. Estou tão alegre que sinto vontade de correr e gritar por esses corredores a fora.

— O que houve? Até parece que foi aprovado em Anatomia.

— E foi justamente o que aconteceu. Acabo de pegar o resultado com o professor aí dentro. O jararaca ficou até triste, quando soube que passei. Também, estudei como um louco.

— Puxa, meus parabéns! Passar em Anatomia é um grande feito, principalmente quando tem o professor grudado em seu pé.

— Se é, rapaz. Para onde você vai?

— Vou para casa.

— Então vamos. Estou de carro e posso deixá-lo em casa.

— Carro? Ganhou um carro?

— Que nada, rapaz. Que é isso? Peguei emprestado com um amigo lá na república.

— Está bem, não vou recusar sua oferta. Estou cansado demais para pegar um ônibus.

Enquanto cruzavam as ruas movimentadas de Curitiba ao entardecer, Carlos, o amigo de Sílvio, não parava de tagarelar. Estava realmente satisfeito da vida por haver sido aprovado. Só mais tarde é que reparou no ar preocupado do amigo que até o momento se havia limitado a ouvi-lo.

— Sílvio, está com algum problema?

— Não, não é nada. Estou muito cansado.

— Mas você parece tão preocupado. O que aconteceu?

— Nada, está tudo bem. Até ganhei vinte dias de férias.

— Então por essa cara, rapaz?

— É porque não sei para onde ir.

— Não sabe? Por que não vai para Guaratuba?

Carlos interrompeu-se ao lembrar o quanto aquilo era triste para o amigo. Conhecia sua história. Sabia de seu passado.

— Desculpe-me, Sílvio! Foi mal!

— Não foi nada, Carlos. Guaratuba está fora de questão.

— Ei, espere aí! Você tem um período de férias e não sabe para onde ir, não é isso? Pois então está resolvido. Você vai comigo para minha cidade, gozar suas férias.

— E onde fica isso?

— É uma cidadezinha no norte do estado, entre Londrina e Cornélio Procopio. Conhece aquela região?

— Conheço Londrina de nome. Tinha um bom time de futebol.

— Que agora está uma porcaria. A cidade onde nasci é bem próxima de Londrina. Fica a uns cinqüenta quilômetros de lá.

— Eu gostaria, mas não sei se devo aceitar.

— E por que não? Vamos comigo. Minha família vai ficar contente em recebê-lo. E não há

lugar melhor para se passar as férias do que uma cidade pequena como a minha.

— Mas assim, sem avisar sua família?

— Não tem nada não, cara. Lá em casa é assim. É só aparecer e ficar, não tem problema nenhum. Minha mãe adora pessoas novas na casa. Sente muita saudade de mim, quando estou fora.

— Quanto tempo você vai ficar lá?

— Uns vinte dias também. Poderemos voltar juntos. Terei que providenciar mesmo a minha matrícula.

— Estou tentado a aceitar o convite.

— Então está combinado. Vamos para lá gozar as delícias de um clima quente e seco, livre do frio e da garoa daqui.

— Quando pretende ir?

— Amanhã, durante o dia vou terminar de acertar uns assuntos com a Universidade e provavelmente à noite poderemos ir. Sim, é isso mesmo. Amanhã à noite nós iremos. Vou providenciar as passagens. Depois você me paga a sua. Combinado então?

— Combinado.

Pouco depois Carlos estacionava o carro onde Sílvio residia.

— Escute, Carlos — perguntou Sílvio — tem mulher por lá?

— Nem fale nisso, rapaz. Espere para ver. Modéstia à parte, minha cidadezinha pode ser pequena, mas as mulheres de lá são as mais lindas do Paraná todo. Espere para ver. Amanhã à tarde, depois das cinco, eu ligo para você. Enquanto isso, deixe a bagagem pronta. Pretendo reservar as passagens para um ônibus que sai daqui aí pelas dez hora da noite e nos deixará bem na entrada da cidade, isto é, na entrada da estrada que nos levará até ela. Oito quilômetros apenas, mas é fácil pegar carona.

— Está combinado. Eu espero seu telefonema.

CAPÍTULO 2

Sílvio já havia aprontado sua bagagem, avisado os colegas de república de sua viagem e estava agora aguardando a ligação de Carlos. Não se estava lá muito eufórico com a perspectiva de uma estada em uma cidadezinha do interior, mas também não escondia seu interesse por ela. Afinal, mudaria de ares, conheceria novas pessoas e poderia espairecer um pouco o espírito e o corpo cansado. Não demorou muito e Carlos chamou-o ao telefone.

— Tudo certo, Sílvio!. Sairemos daqui às dez horas. Consegui lugares naquele ônibus de que já lhe falei. Ele parte de Curitiba direto para Cornélio Procópio e nos deixará perto da cidade. De lá, com um pouco de sorte conseguiremos uma carona até minha casa.

— Está certo. Onde nos encontraremos?

— Um amigo ficou de nos levar de carro até a rodoviária. Nós passaremos aí para apanhá-lo. Fique pronto para às nove e meia.

— Pronto eu já estou.

— Então, tudo certo. Às nove e meia eu passo por aí.

— Certo, eu espero.

— E tem uma novidade sensacional. Adivinhe o que me aconteceu quando fui comprar as passagens...

— Não tenho a menor idéia.

— Duas garotas estavam comprando passagens também. Só que elas preferiam lugares perto da janela. As duas. Assim, com jeitinho, consegui do vendedor os dois lugares do corredor, junto das moças. O que acha de viajar daqui até lá bem acompanhado?

— Puxa, essa foi sensacional!

— Nem se fala. Logo mais eu estou aí, falou?

* * *

Mais tarde, na rodoviária, aguardando a chegada do ônibus, os dois amigos conversavam.

— Ei, Sílvio! As duas meninas de que lhe falei são aquelas.

— Aquelas duas morenas? Vá ter sorte assim lá longe!

— O negócio agora é jogar um papo por cima delas e viajar tranqüilamente, curtindo a viagem — disse Carlos.

— Qual delas você prefere? Dou-lhe o privilegio da escolha.

— Aquele mais alta.

— Eu fico com a menor, então.

— Olhe repare no rosto da minha. Que coisinha mais linda?

— E a minha? Olhe lá! Parece uma carinha de anjo.

E enquanto trocavam comentários, cada um procurando evidenciar mais as qualidades da companheira de viagem, o ônibus encostou na plataforma para apanhar seus passageiros. Após acomodarem as malas no bagageiro, buscaram seus lugares. Não demorou muito e ambos já haviam se apresentado e conversavam amigavelmente com as garotas.

Sílvio, enquanto lançava seu olhar azul para os olhos negros da moça sentada ao seu lado, pensava consigo mesmo que, mesmo que aquela cidadezinha do interior não fizesse nada por seus nervos, a viagem teria valido a pena. Afinal, sua colega de banco logo se mostrou disposta a tornar aquela viagem o mais agradável possível.

Mal o ônibus deixou a cidade e ganhou a rodovia, as luzes se apagaram. A garota disse que estava com frio e abriu um cobertor. Marotamente convidou Sílvio e se cobrir também.

— Sempre tive vontade de fazer uma viagem assim, louca, sem compromisso, sem cobrança, só curtindo — disse ela, ao ouvido dele, assim que ele se cobriu. — O que acha?

— Acho uma loucura! — concordou ele, deixando-se embriagar pelo perfume delicioso que vinha do corpo e dos cabelos dela.

Abraçaram-se com força. As mãos de Sílvio buscaram as alavancas dos bancos, reclinando-os para uma posição confortável. Depois, com carinho, as mãos dele pousaram sobre o corpo dela, sentindo-o quente e macio. A rigidez dos seios, comprimidos entre seus dedos, davam a Sílvio a exata dimensão da beleza deles. Seus dedos moveram-se pelo corpo da garota, desceram até seus quadris, contornaram-nos até as nádegas, retornaram ao ventre,

voltando em seguida pelo mesmo caminho, enquanto seus lábios cobriam os dela num beijo que ganhava calor e paixão. No momento seguinte, uma das mãos dele deslizou até o ventre da garota, subindo lentamente na direção dos seios. Ela ofegou, respirando fundo, enquanto seu corpo estremecia.

Suas línguas se encontraram. A mão dele penetrou por debaixo da camiseta, acariciando cada um dos seios, sentindo-lhes os bicos eriçados. Os lábios dele deslizaram para o pescoço dela, beijando-lhe a pele macia e perfumada, terrivelmente sensual e desejável. As mãos dela movimentaram-se pelo tronco do rapaz, descendo em seguida até a sua cintura e contornando-a para tocarem, excitadas e trêmulas, o ponto mais rijo do corpo de Sílvio.

Ele estremeceu de prazer. Sua mão desceu apressada, passando pelo ventre dela, pelas coxas sedutoras e pousando sobre um de seus joelhos, até a barra da saia, que foi sendo repuxada. A mão subiu de volta, em contato com sua pele sedosa e quente. A carícia vibrante tocou-a profundamente, fazendo-a suspirar mais forte.

Lentamente os joelhos dela se afastaram, dando plena liberdade de ação à mão que caminhava impaciente ao encontro de seu ponto mais sensível. Trocaram um beijo furioso e cheio de volúpia. A mão livre de Sílvio deteve-se sobre os seios provocantes. Ela suspirou novamente, deliciada, entregando-se às carícias que punham seu corpo em chamas. A mão carinhosa de Sílvio cobriu-lhe o seio, acariciando-o com ternura e volúpia, erguendo-lhe a camiseta, alcançando um dos bicos entumecidos e beliscando-o com provocação. Em seguida, seus dedos se abriram e dominaram totalmente a delicada elevação. Depois crispavam-se lentamente, sentindo que a rigidez que o alucinava.

O corpo da jovem moveu-se impaciente e ela mordeu os lábios para não gemer de prazer. Seu rosto esfregou-se ao dele e seus lábios se buscaram novamente. Ele sugou a boca tentadora e saborosa que se oferecia, depois seu pescoço e seu ombro. Uma das mãos dela insinuou-se pelo ventre de Sílvio, abaixando o zíper e penetrando resolutamente para se firmar ao redor da masculinidade rija e excitada. Um frêmito dominou o corpo dele e sua mão, acariciou-a nas coxas, avançou direta para o tecido fino e sedoso da calcinha.

Com habilidade e excitação, seus dedos penetraram ali, tocando-a em seu intimidade molhada. Ela ofegou, esfregando-se nele quase com fúria. O desejo fervia dentro deles, alucinando-os. Carícias envolventes e progressivas abrasaram seus corpos que se buscavam com frenesi, uma sensação de dor e prazer ardendo e aumentando. Abraçaram-se com desejo, suas peles se tocando e se esfregando, seus lábios se encontrando com ansiedade, suas línguas travando o mudo diálogo da paixão.

— O que acha de irmos até o banheiro? — convidou ela, ofegante e fora de si.

— Acho uma excelente idéia! Tem uma camisinha aí?

— Oh, sim, sou uma mulher prevenida — respondeu ela, beijando-o novamente, cheia de provocação e excitação.

* * *

Após uma viagem de quase oito horas, o ônibus parou à margem da rodovia para que ambos descessem. O dia amanhecia, o céu era limpo. Sílvio tirou o casaco para melhor saborear aquela brisa fresca que vinha de encontro ao seu rosto. Quando o ônibus partiu, a

garota abriu a janela, jogou um beijo, depois acenou.

— Que viagem, Sílvio! Nunca encontrei uma menina tão quente como essa. Não me deu sossego durante a viagem inteira!

— Nem me fale, cara!. Anotou o endereço da sua?

— Claro, está aqui para qualquer eventualidade. Sabe como é, se a cidade ficar monótona, vamos para lá. O que acha, Sílvio?

— Perfeitamente válido, meu amigo.

— Bom, o negócio é o seguinte: vamos esperar uma carona ou vamos indo a pé. São oito quilômetros até a cidade.

Sílvio encarou o asfalto longo e reto que se apresentava à sua frente, respirou fundo, gozando as delícias daquela manhã tipicamente nortista, um tanto quente, mas refrescada por uma brisa intermitente que a tornava agradavelmente diferente das manhãs de Curitiba e que lhe lembrava, em parte, a manhãs quentes e ensolaradas de Guaratuba. Decidiu-se:

— Façamos o seguinte. Vamos indo e, se aparecer alguma condução, pedimos uma carona.

— Muito bem. Então vamos.

Enquanto caminhavam pela estrada, Sílvio vibrava, deslumbrado com toda aquela paisagem verde e tranqüilizante que se estendia às margens da estrada. Plantações de todos os tipos, alguns bosques ao longe, animais no pasto, tudo maravilhou-o. Carlos notou e, quase que adivinhando seus pensamentos, comentou!

— Para quem sai de uma selva de asfalto e concreto, esse verde é a coisa mais gostosa de se olhar, não acha?

— Sim, eu estava pensando justamente nisso.

— Está gostando do que vê, então?

— Se estou! Creio que vou me sentir muito bem em sua cidade. Fale-me sobre ela. Conte-me alguma coisa.

— Daqui a pouco já a avistaremos.

— Mesmo assim, fale-me sobre ela. Vai ajudar o tempo passar e tornar mais leve as malas que carregamos.

— É tipicamente uma cidadezinha do interior que acompanhou em parte o desenvolvimento dos tempos. Apesar de um pouco provinciana e da mentalidade bairrista de alguns, é uma cidade agradável de se viver. Muito hospitaleira, tem um cinema que vive fecha-não-fecha, uma igreja com sua tradicional pracinha, um clube social muito bom, um estádio de futebol, enfim, uma cidadezinha, como tantas outras. Alguns modismos surgiram, como os famosos pesque-pague, onde quem gosta pode se divertir muito.

— Há alguma atração turística digna de ser vista?

— Atração turística? Pensando bem, nada. Ou melhor, quase nada. Há, na igreja, um Cristo de madeira bruta entalhado por um artista local. A própria igreja, com um estilo diferente das outras e que a torna uma das mais belas da região e uma e outra coisa, dependendo do interesse das pessoas.

— Quieta e sossegada!

— Sim, quieta e sossegada. Você vai estranhar um pouco, no princípio, acostumado que está com o barulho de Curitiba.

— E o que se pode fazer lá durante o dia e à noite?

— Durante o dia nós temos o clube, piscina, quadra de futebol de salão e basquete, o campo de futebol ou uma pescaria. À noite, durante as férias, uma brincadeira dançante ou um filme no cinema, se tiver sessão. Para um programa meio diferente e se você gostar de caçar, a gente pode dar um jeito.

— Já estou ficando gamado por sua cidade. E sua família? Diga-me alguma coisa sobre ela.

— Acho que você deve saber o mais importante. Sou o mais velho e, abaixo de mim, apenas minha irmã, dois anos mais nova que eu, meu pai e minha mãe.

— E o que eles vão achar de minha vinda?

— Não se preocupe. Meus amigos são tratados como filhos por meus pais. Mas... Olhe! Vem vindo um carro. Vamos pedir carona.

O proprietário do carro era um velho conhecido de Carlos. Conseguiram uma carona sem nenhum problema. Em poucos minutos, estavam à porta de casa dele. Agradeceram e despediram-se do motorista. Carlos, alegre por estar de novo em casa, entrou como um furacão, gritando e fazendo alarido. Apesar de ainda ser cedo, a casa já estava aberta e da cozinha vinha o delicioso aroma de um café recém-coado.

— Carlos, meu filho, como é que chegou aqui?

— De ônibus, mãe — falou ele, atirando-se nos braços dela.

— Puxa vida! Você poderia ter pelo menos avisado. Nem sabíamos de sua chegada.

— Foi muito rápido. Quando peguei o resultado da última prova, senti vontade de vir correndo dizer a todos que praticamente terminei meu curso. Agora é só mais um ano de estágio e seu filho, D. Carla, vai ser médico, ouviu bem? Médico! — repetiu o moço, girando a mãe no ar, cheio de alegria.

Sílvio, observando a cena, sentiu-se contagiado pela felicidade de mãe e filho. Veio-lhe à mente a lembrança doce e terna de sua mãe, de seus cabelos louros e olhos azuis, de sua voz suave contando-lhe histórias de pescadores, à noite, antes de dormir.

— Ah, mãe! Eu trouxe um amigo — avisou Carlos ao perceber o amigo que os observava — Esse é Sílvio, mãe. Ele veio comigo e vai passar um tempo com a gente.

— Muito prazer! — disse a mulher, estendendo a mão e cumprimentando o rapaz. — Os amigos de meu filho são como nossos filhos também. Espero que se sinta à vontade aqui em casa. Não somos de muito luxo, mas fazemos o possível para agradar.

— Ora, não se preocupe, D. Carla.

— Já sabe meu nome?

— Sim, Carlos já me falou sobre todos.

— Vocês devem estar com fome, não? Vão lavar as mãos enquanto eu termino de preparar a mesa para o café.

— Cadê a Dê, mãe? — perguntou Carlos.

— Está dormindo.

— Vou acordá-la, então.

— Não, não faça isso porque ela está com uma amiga. Ambas têm exame na faculdade e ficaram estudando até mais tarde.

— A Dê ficou para exame em todas as matérias outra vez?

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

